

Resumo/ abstract

**O PODER DA PALAVRA: REPRESENTAÇÕES NA LITERATURA
DE AUTORIA FEMININA —ESCREVO, LOGO EXISTO**

Neste texto objetivo demonstrar que tem sido, fundamentalmente, por meio da escrita de autoria feminina, que a mulher, ao longo dos tempos, tem tomado consciência de si e se tem imposto aos outros como ser igual. Partindo da premissa do filósofo e matemático francês René Descartes “*Cogito, ergo sum*” (penso, logo existo), construo a minha própria premissa “escrevo, logo existo”, que substancia o papel da escrita no processo emancipatório das mulheres e, conseqüentemente, no acesso ao poder através da palavra.

Palavras-chave: escrevo; existo; autoria; emancipação; mulher.

**THE POWER OF WORDS: REPRESENTATIONS IN LITERATURE
WRITTEN BY WOMEN – “I WRITE, THEREFORE I AM”**

The purpose of this text is to demonstrate that it has been primarily through the writing of female authorship that the woman, over time, has becoming aware of itself and has imposed upon others as being equal. Assuming the French philosopher and mathematician René Descartes' premise “*Cogito, ergo sum*” (I think, therefore I am) I build my own premise “I write, therefore I am” that embodies the role of writing in the emancipator process of women and their access to power through the word.

Keywords: I write; I exist; authorship; emancipation; woman.

O PODER DA PALAVRA: REPRESENTAÇÕES NA LITERATURA DE AUTORIA FEMININA —ESCREVO, LOGO EXISTO

Vera Duarte

Formada em Direito e na Magistratura Judicial
Juíza Desembargadora, Ministério da Justiça, Cabo Verde
veraduartepina@gmail.com

1. “*Cogito, ergo sum*” (penso, logo existo). Com esta sentença lapidar o filósofo e matemático francês René Descartes consolidava-se definitivamente como o fundador da filosofia moderna.

Tendo vivido na primeira metade do século XVII (1596-1650), Descartes utilizou o método da dúvida sistemática para atingir as suas certezas. Não teve como duvidar que estava duvidando e aí teve a sua primeira certeza: duvido, logo existo. Mas como duvidar é um modo de pensar, rapidamente chegou ao “penso, logo existo”, ou seja, penso, logo tenho consciência de mim mesmo.

É isto que objetivo fazer nesta despretensiosa incursão ao mundo da palavra feminina, com a devênia ao homem de cujo pensamento eu me considero tributária, na vertente cartesiana da minha formação: demonstrar que a premissa “escrevo, logo existo” se aplica inteiramente às mulheres que escrevem, pois tem sido através da própria escrita que a mulher, ao longo dos tempos, tem tomado consciência de si e tem-se imposto aos outros.

Na verdade, a premissa “escrevo, logo existo” surgiu-me como uma intuição no exato momento em que me predispus a preparar um texto para apresentar ao V Seminário Internacional “Mulher e Literatura”, organizado em torno do tema “palavra e poder”. E impôs-se-me com tanta força e tanta clareza que não tive dúvidas de que seria essa a linha da minha contribuição ao evento.

Tenho hoje a plena certeza de que foi, sobretudo, por intermédio da palavra escrita que a mulher conseguiu superar a posição de não ser ou de ser inferior que a história sempre lhe reservou, principalmente porque é a escrita que contribui para tornar visíveis e perenes as ações humanas.

Então, tal como Descartes, pensei que seria necessário proceder exatamente ao contrário da minha convicção e refutar, como falso, tudo aquilo em que pudesse haver a menor dúvida, a ver se, após isso, poderia, indubitavelmente, acreditar na minha opinião ou, se se quiser, na minha intuição.

Assim, se “escrevo, logo existo” parece-me ser a prova acabada da relação entre a palavra e o poder no domínio do feminino, tal premissa não deixa de ser uma certeza construída pela minha própria subjetividade. Contudo, o corolário constitui já um primeiro elo na cadeia das razões, bastando uma primeira certeza para que outras se venham juntar a esta eventual “ordem natural”, dando-lhe a expressão de uma verdade cartesiana.

Como diria o meu saudoso professor da disciplina de Processo Penal da Faculdade de Direito da Universidade Clássica de Lisboa, “*quod est demonstrandum*”.

É o que pretendo fazer nas linhas que se seguem: debruçar-me, ainda que de forma breve, sobre a vida e obra de algumas mulheres, cujas trajetórias me provocaram e me levaram à asserção de que “escrevo, logo existo”, para testar da bondade desta intuição.

Entendo haver uma relação dialética insofismável entre a emancipação da mulher e a escrita de autoria feminina, pois, por meio da escrita, faz-se a defesa consistente e sistemática da emancipação, e o processo emancipatório tem sido caminho ascensional da presença da mulher na literatura.

Mais ainda, defendo que o papel da literatura na luta pela emancipação da mulher funciona em dois níveis: Primeiro, em um plano individual, permitindo a cada escritora mulher exprimir os seus anseios, fazer a catarse das suas frustrações e avançar no processo de autoconhecimento, estima e afirmação e na compreensão do mundo e nas formas de transformá-lo a seu favor. Segundo, em nível coletivo, permitindo que as mensagens emancipadoras sejam cumplicizadas, socializadas, circulem e invadam cada vez mais territórios proibidos e sejam apropriadas por homens e mulheres que farão a sua propagação, quer pela positiva, defendendo-as, quer pela negativa, refutando-as, o que, em última instância, reverterá sempre a favor da sua disseminação.

Permitam-me, assim, um rápido sobrevoo por algumas mulheres de exceção, pois, embora este processo conheça inúmeras heroínas anônimas, muitas não ficaram registradas para memória futura e outras não cabem nos limites deste texto.

2. Dos confins da antiguidade – Deus seja louvado! – salta-nos o nome imperecível da mais ousada e excepcional das mulheres, a poetisa Safo, que terá nascido na ilha grega de Lesbos, entre os anos 630 e 612 a.C. Sua biografia está envolta em lendas, inclusive de suas relações com mulheres, pois, apesar de se ter casado e ter sido mãe, ter-se-á apaixonado por uma das alunas da escola para meninas que ela própria fundou.

Aos 19 anos de idade, Safo já tomava parte na vida pública, quer na política, quer na literária e sua poesia era considerada das mais sublimes. Todavia, devido ao seu conteúdo erótico, sofreu censura na época medieval por parte dos monges copistas e o que restou da sua obra foram escassos fragmentos.

Platão considerou-a a décima musa e Safo de Lesbos foi conhecida como “a Poetisa”, assim como Homero foi conhecido como “o Poeta”.

Acredito que foi a escrita que deu visibilidade e perenidade a essa mulher que viveu há cerca de 3000 anos. “Escrevo, logo existo” só poderia ser a divisa de Safo de Lesbos, cujo nome atravessou a noite dos tempos e, pela poesia, brilhou em um firmamento onde só figuravam os homens.

3. Na África do século XVII, uma mulher se distinguiu em um período em que o vergonhoso tráfico de escravos africanos se consolidava. Falo da rainha Nzinga, que ganhou notoriedade durante a guerra por liderar pessoalmente as suas tropas e ter proibido que a tratassem como “rainha”, preferindo que se dirigissem a ela como “rei”, em um claro sinal dos tempos em que o poder só podia ser masculino.

Em 1659, assinou um tratado de paz com Portugal, ajudou a reinserir antigos escravos e formou uma economia que, ao contrário de outras do continente, não dependia do tráfico de escravos.

Após a sua morte, aos oitenta anos de idade, 7000 mil soldados da rainha Nzinga foram levados para o Brasil e vendidos como escravos.

Os tratados de paz que a rainha Nzinga assinou e que testemunham a sua estatura de “homem de Estado” confirmam-nos a existência de uma mulher como ser humano igual em um tempo e em um lugar, onde as mulheres foram sempre relegadas à situação de inferioridade.

4. Do século XVIII vem-nos à mente uma das estrelas mais brilhantes do reduzido panteão de mulheres que “escrevem, logo existem”. Ela é simplesmente a jornalista, revolucionária, escritora e feminista Olympe de Gouges, autora da célebre Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã, de setembro de 1791, pois, ao constatar que a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, marco da Revolução Francesa, se aplicava apenas ao ser humano masculino e que a injusta relação entre os sexos se mantinha intacta apesar da revolução, ela redige a declaração alternativa a favor das mulheres, o que lhe valeu a guilhotina, por ordem de Robespierre.

Escreveu intensamente e como forma de denúncia das atitudes que lhe pareciam injustas, tendo-se destacado com a peça de teatro antiescravagista *L'Esclavage des Nègres* e obras feministas relacionadas aos temas do direito ao divórcio e às relações sexuais fora do casamento.

Participou no Cercle Social, uma associação, cujo objetivo principal era a luta pela igualdade dos

direitos políticos e civis para as mulheres, que se reuniam em casa da conhecida defensora dos direitos das mulheres Sophie de Condorcet.

Segundo Parturier, “*écrive c’est le pire péché*”, ou seja, escrever era o pior pecado para a mulher, pois escrever era o sinal de que ela existia: “escrevo, logo existo”.

E foi, sem dúvida, através da escrita, que Olympe de Gouges provou que a mulher efetivamente existia e não era apenas uma “*capitis diminutio*” do homem. Pagou com a própria vida a sua ousadia, mas deixou um legado, que as mulheres que vieram depois não cessaram de aumentar.

5. Poderia quedar-me por aqui no recurso a figuras históricas para demonstrar que, para as mulheres, a verdadeira prova da sua existência como ser humano igual só chegou através da palavra dita e, sobretudo, da palavra escrita. Estou certa de que o meu exigente professor de Processo Penal considerar-se-ia satisfeito pela demonstração feita.

Contudo, por puro deleite, mas também por um tributo que nunca cessarei de prestar àquelas que considero não só predecessoras, mas, principalmente, inspiradoras, continuarei a demonstrar a minha tese “escrevo, logo existo”, com o recurso a mulheres que, cada uma a seu tempo e a seu modo, e, especialmente, no seu continente, reforçaram esta marcha ascendente da mulher em direção à palavra e ao poder, uma vez que, na verdade, o poder só veio com a palavra escrita.

Em pleno século XIX, destacou-se George Sand, pseudônimo masculino de Amantine Aurore, uma mulher que deixou vasta obra publicada, na qual, fundamentalmente, reclama para a mulher a liberdade de viver que era apanágio dos homens do seu tempo e escandalizou os seus leitores com a sua ousada exploração dos prazeres sexuais das mulheres e o seu apaixonado apelo para a liberdade de realização das mulheres.

Virginia Woolf foi uma das mais importantes escritoras britânicas do século XX, tendo integrado o grupo de Bloomsbury, círculo de intelectuais que, após a primeira guerra mundial, se posicionou contra as tradições literárias, políticas e sociais da era vitoriana. Publicou várias obras e suicidou-se no dia 28 de março de 1941, em consequência de doença bipolar.

Ninguém pode debruçar-se sobre a trajetória das mulheres escritoras sem se referir, ainda que levemente, à mais conhecida escritora, filósofa, existencialista e feminista francesa, Simone de Beauvoir, que nos deixou em 1986, após uma vida, a todos os títulos extraordinária.

Escreveu uma vasta obra em que explorou os dilemas existencialistas da liberdade, da ação e da responsabilidade individual. Entre os seus ensaios críticos cabe destacar *O segundo sexo* (1949), uma profunda análise sobre o papel das mulheres, obra em que, ousado dizê-lo, todas fomos beber para sedimentarmos nossas posições feministas.

Como africana, não poderia deixar de fazer uma breve referência à obra de Mariama Ba, uma senegalesa de exceção, que, em um universo ainda extremamente misógino, misto das desigualdades entre os sexos pregadas pelo Islão e pelas tradições africanas retrógradas, conseguiu deixar-nos duas obras que comprovam que a mulher africana também existiu por meio da palavra escrita.

Em *Une si longe lettre* e em *Scarlet song*, ela relata as frustrações, a resignação e a aceitação da mulher africana, face à partilha do marido polígamo com esposas mais jovens. Foi casada, mas divorciou-se e ficou a tomar conta sozinha dos nove filhos do casal. Morreu em 1981, aos 52 anos de idade.

Finalmente, termino a apresentação deste elenco de mulheres que escrevem com a mais conhecida ativista negra dos direitos cívicos dos Estados Unidos da América, Ângela Davis. Ela é, ao mesmo tempo, uma acadêmica, feminista radical, ativista, conferencista e revolucionária. Estudiosa de Camus e de Sartre, foi com o filósofo Herbert Marcuse com quem mais se identificou.

Teve uma vida marcada por momentos extremos, pois alguns dos seus amigos de infância foram mortos pela Ku klux Klan. Foi presa e julgada por assassinato político, tendo sido considerada “*not guilty*”. Foi membro do partido comunista dos Estados Unidos da América e associada aos Black Panther Party. Tem uma variada obra publicada, é uma ativa conferencista internacional, que se identifica como uma socialista democrática. Em 1997, ela declarou ser lésbica, na revista *Out*. Juntamente com outras, ela formou a African-American Agenda 2000, uma aliança das feministas negras.

Acredito que não há como recusar ou mesmo duvidar que foi a escrita que revelou e marcou a vida das mulheres a que me venho referindo, comprovando, assim, a minha tese: “escrevo, logo existo”.

6. É evidente que, para fazer as escolhas sobre as quais me debrucei, tive de deixar de lado muitas autoras da minha especial predileção. De todas elas, o que me custou mais foi não me referir a Florbela Espanca, uma poetisa de exceção, que admiro profundamente, feminista e precursora da emancipação da mulher em Portugal. Contemporânea da implantação da República (1910), ela impôs-se como uma voz maior, em um universo onde apenas pontuavam os homens e obteve palavras de extraordinário apreço por parte de um dos maiores poetas de todos os tempos, Fernando Pessoa.

Também da minha terra natal, Cabo Verde, não poderia deixar de registrar os nomes de Antónia Pusich, Maria Helena Spencer, Maria Margarida Mascarenhas, Yolanda Morazzo e Orlanda Amarílis, mulheres que, com a sua pena, fizeram com que o registro histórico-literário das ilhas não fosse exclusivamente masculino, durante a longa noite colonial.

A escrita destas intelectuais prova que as mulheres também tiveram vivências significativas e foram elas esteio da nação caboverdiana. Anônimas, é certo, não reconhecidas, ignoradas até, foram elas as mulheres que levedaram as ilhas para o fruto que hoje orgulhosamente colhemos. Elas des-

bravaram os montes, plantaram as achadas, colheram o grão e cozeram o pão com que alimentaram o povo das ilhas. Mais, elas enfrentaram o poder, combateram a fome e driblaram a morte. Contudo, só tiveram a existência reconhecida, quando ousaram lançar ao vento das ilhas a sua palavra escrita, ainda que enfrentado todos os temores e todos os silenciamentos.

7. E, finalmente, chegamos nós, as contemporâneas, de todas as raças e de todos os continentes, que quebramos todas as amarras, que ousamos abrir todas as comportas, que não nos calamos perante nenhum desafio e que assumimos desassombadamente o silêncio que à volta de nós se fechou, porque nos sentimos capazes de, nós mesmas, quebrarmos o silêncio e, mais uma vez pela palavra, sempre pela palavra, ousamos dizer que aqui estamos e a palavra é nossa, como o poder também é nosso.

Poderei validamente afirmar que a escrita independe do papel e da visibilidade destas mulheres? Acredito que não. Antes pelo contrário, se hoje temos a palavra e o poder, essa é uma conquista tributária de várias batalhas, mas sobretudo da batalha da escrita.

Hoje temos a palavra e o poder. E tal como dissemos a princípio, quanto mais forte for a palavra, maior será o poder. E quanto mais amplo for o poder, mais forte será a palavra, em uma relação dialética que nunca se esgotará. Essa é uma certeza incontornável.

8. E foi assim, voz a voz, dor a dor, ousadia a ousadia, com lágrimas, com sangue, com amor e com afeto que as mulheres de todos os tempos, de todos os continentes, de todos os credos, construíram este paradigma “escrevo, logo existo”.

A história reteve estas mulheres e estas mulheres fizeram a história. E não porque elas, tal como as outras, lavaram, cozinham, arranjaram a casa, cuidaram dos filhos e trataram dos maridos, dos velhos e dos enfermos. Não! A história registrou, porque, além de lavarem, cozinhare e cuidarem, elas usaram da palavra dita e da palavra escrita para dizer “aqui estou e sou”! “Escrevo, logo existo”.

E foi a certeza transmitida por estas mulheres de que afinal as mulheres existem e elas não são uma subcategoria ou sofrem de alguma “*capitis diminutio*” que, em ondas vigorosas, vem dando às mulheres, a todas as mulheres, de todo o mundo, a certeza de que elas, afinal, existem e são capazes de serem. De serem tudo o que tradicionalmente sempre foram, mas, sobretudo, de serem tudo o que um ser humano pode aspirar a ser: escritoras, políticas, presidentes, astronautas, físicas nucleares, além de todos os outros.

Hoje podemos assegurar a todos, homens e mulheres, até aos mais misóginos, que, antes do fim deste século, as fotografias que retratam os grandes momentos da vida das nações, da vida da comunidade internacional e da vida do planeta não espelharão apenas o cinzentismo dos fatos

masculinos a que, até agora, nos habituamos, mas estarão salpicadas do verde, amarelo, vermelho e rosa das vestes das mulheres que, a justo título e à custa de muito sangue, suor e lágrimas, começaram a partilhar este último reduto da exclusividade masculina que se chama poder.

A palavra abriu o caminho para o poder, pois foi a palavra que chamou a atenção para o fato de o poder ser exercido quase exclusivamente pelos homens, a palavra reivindicou o poder para as mulheres e através da palavra elas lutaram pelo poder, por ele sofrendo o isolamento, a discriminação, a mentira, o falso pudor e todas as ignomínias que acompanharam a vida das mulheres pioneiras que ousaram garimpar nesse terreno que era considerado exclusivamente masculino.

Nos vários continentes onde a mulher já acedeu ao poder, a porta de entrada foi a escrita. E quanto mais ela escreve, mais o poder se lhe torna acessível.

Estou certa de que será também pela escrita, pelo domínio da palavra que o poder abrirá suas portas para que por elas também entrem as mulheres, nos países, em que ainda prevalecem o preconceito e a discriminação.

E, se hoje a mulher trabalha fora de casa, toma pílula e dirige empresas, carros e aviões, muito o deve ao “escrevo, logo existo”, pois a afirmação e o reconhecimento do sexo feminino dão-se pela palavra dita e escrita.

Este processo a todas pertence. Às mulheres escritoras cabe dar-lhe visibilidade e perenidade.